

SEXTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

TEXTO: JEREMIAS 17.5-8

Aspectos introdutórios

A Escritura examinada neste trabalho, Jeremias 17.5-8, faz parte da série trienal C do ano litúrgico, compreendida no 6º Domingo após a Epifania.

Contudo, antes de se esmiuçar propriamente a Palavra, convém tecer comentários introdutórios sobre o profeta e condição do povo à sua época.

Contextos histórico e político do povo de Deus

O chamado de Jeremias para o ministério profético ocorreu em 629 a.C., ao decimo-terceiro ano do reinado de Josias. Tratava-se de um homem solitário e que não podia conter o ímpeto de pregar a palavra de Deus, do contrário, sentiria uma “erupção irreprimível de dentro de si (cf. 15.17; 20.8-9)”, haja vista que os oráculos “vinham” até ele diretamente da parte do Senhor.

Isso é interessante porque o profeta manifesta em sua própria vida o furor da ira do Altíssimo, o qual o usa como nuncio das suas sentenças de condenação. Ora, o homem está refletido claramente em suas profecias, e a vida dele é entrelaçada de perto com a história de Judá. Ele estava repleto de indignação divina (15.17) e forçado a viver como um representante rejeitado de Deus (16.1-9), o que, inevitavelmente, resultou em ostracismo e perseguição, culminando na atestação de lamento presente em 25.3-4: “Durante vinte e três anos [...] a palavra do SENHOR tem vindo a mim, e sempre de novo eu a tenho anunciado a vocês, mas vocês não escutaram”.

Além do mais, Jeremias pertencia ao povo sobre o qual a cólera de Deus estava prestes a causar punição pelos seus desvios da Lei. O profeta viveu em uma época peculiar da história do Antigo Oriente Próximo, repleta de conturbações políticas. O Reino do Norte de Israel havia sido tomado como parte do Império Assírio, este que, por sua vez, foi assimilado pelo Império Neobabilônico.

Ademais, ao sul, Judá era nação pequena, existindo entre os grandes poderes do Egito e mesopotâmico, tendo de enfrentar o medo constante de ser varrida por todos os

lados, e Jeremias estava consciente disto. Sucede-se que o exército de Nabucodonosor cercou Jerusalém em 587 a.C. e deu cabo àquela triste expectativa de iminente destruição, comprometendo a noção identitária do povo, porquanto muitos foram levados cativos e dispersos para a Babilônia. Conclui-se, portanto, que a pregação de Jeremias é, ao menos em parte, uma interpretação deste período da história.

Antes de 605 a.C., o profeta se concentrou em manifestar suas mensagens de devastação e anteviu a o risco de ataque de um inimigo vindo do norte (Assíria). Depois daquele ano, Jeremias disse claramente ser a Babilônia o ente responsável pela queda de Judá.

Quanto ao trecho bíblico *sub examine* (i.e., 17.5-8), é difícil estabelecer a época precisa que motivou os ensinamentos de Jeremias contidos ali. Em todo caso, lembra-se que tais versículos, ao estilo literário de um salmo, nascem do julgamento irreversível de Judá pela sua culpa diante de Javé (17.1-4). O conceito principal do contexto mais amplo (vv. 5-13) parece ser aquele de perpetuidade. Muitos intérpretes têm visto como plano-de-fundo dos vv. 5-8 as constantes alianças internacionais de Judá no perigoso jogo de poder político.

Aspectos textuais

Jeremias 17.5-8: traduções e semântica

BÍBLIA DE JERUSALÉM (BJ)	NOVA ALMEIDA ATUALIZADA (NAA)
<p>5 Assim disse Iahweh: Maldito o homem que se fia no homem, que faz da carne a sua força, mas afasta o seu coração de Iahweh!</p> <p>6 Ele é como um cardo na estepe: ele não vê quando vem a felicidade, ele habita os lugares secos no deserto, uma terra salgada, onde ninguém mora.</p> <p>7 Bendito o homem que se fia em Iahweh, cuja confiança é Iahweh.</p> <p>8 Ele é como uma árvore plantada junto da água, que lança suas raízes para a corrente; ela não</p>	<p>5 Assim diz o Senhor: “Maldito aquele que confia no ser humano, que faz da carne mortal o seu braço e cujo coração se desvia do Senhor!</p> <p>6 Porque ele será como um arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; pelo contrário, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável.”</p> <p>7 “Bendito aquele que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor.</p> <p>8 Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, porque as suas</p>

teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde; em um ano se seca ela não se preocupa e não pára de produzir frutos.	folhas permanecem verdes; e, no ano da seca, não se perturba, nem deixa de dar fruto.”
---	--

Tomando-se por base as traduções acima, bem como o exame literal do texto massorético hebraico, não se vislumbra gritantes diferenças entre aquelas e o último. Ou seja, tanto a BJ quanto a NAA são boas versões em Língua Portuguesa para o original bíblico, embora alguns apontamentos mereçam destaque.

No v. 5, a BJ optou por traduzir גִּבּוֹר, “guerreiro”, como “homem”, enquanto a NAA escolheu o pronome relativo “aquele”, termo genérico para se referir a qualquer pessoa. A alternativa da NAA é menos impactante, visto que o substantivo hebraico dá a ideia de “homem forte”, que deposita a sua “força” não em Javé, mas em outro “homem” (אָדָם), termo este que se aplica à “humanidade” em modo geral. Acerca do substantivo בָּשָׂר, “carne”, vê-se que a NAA acrescentou um adjetivo inexistente no original, i.e., “mortal”, ao passo que זְרוּעַ, “braço” (NAA), também pode ser entendido como “força” (BJ). Acentua-se que בָּשָׂר, traduzido aqui como “carne”, indica a fragilidade humana perante a onipotência de Deus. “Amaldiçoar”, אָרַר, se trata do mesmo verbo usado em Gênesis 3.14,17; 4.11; 5.29; 9.25 etc. Desviar-se de Yahweh era rejeitar a sua soberania e sua aliança. Neste contexto, o uso de “maldito” é apropriado.

Já no v.6, a construção עֵרְוָה בְּעֵרְבָה; literalmente, “desprovido/despido/junípero no deserto”, obteve versões distintas na BJ, “cardo na estepe”, e, na NAA, “arbusto solitário no deserto”. עֵרְוָה é difícil de se traduzir, haja vista que aparece apenas em Jeremias 17.6 e no Salmo 102.17, onde se entende que seu referente é uma pessoa; aqui [em Jeremias] normalmente um tamarisco (LXX, Targum, Vulgata) ou o junípero; outros, “uma pessoa desprovida” (obs.: tamarisco e junípero são plantas de regiões secas que formam “arbustos”). Tendo em vista a comparação com עֵץ, “árvore”, no v. 8, atribuir-lhe (i.e., ao verbete עֵרְוָה) conotação vegetal faz mais sentido. Por outro lado, atesta-se que todas essas traduções são meramente suposições ante o contexto.

Adiante, no v. 7, tal qual aconteceu no v. 5, as versões trouxeram “homem” e “aquele” para o hebraico גִּבּוֹר. Sendo este mesmo substantivo usado em contextos ruim (maldição) e bom (benedição), nota-se que nele próprio não está o conteúdo da crítica ou elogio do profeta, senão em quem o sujeito confia a sua “força de guerra”, a saber, no ser humano ou Javé. Sobre os verbetes em paralelo na BJ e NAA, “fiar” e “confiar”, bem como “confiança” e “esperança”, respectivamente, eles advêm do verbo hebraico חָטַף

(“confiar”; “sentir-se seguro ou descuidado”) e do substantivo derivado מִבְּטָח (“confiança”; “refúgio”). Parece que a palavra “esperança”, usada pela NAA, é produto de boa tradução semântica em vez da preferível e literal BJ.

Quanto ao derradeiro v. 8, a primeira diferença digna de nota é a ocorrência de “corrente” e “ribeiro”, traduzindo o substantivo לַיַּבֵּיט (“curso de água”; “canal”). Adiante, na construção da NAA, “[...] *porque* as suas folhas permanecem verdes”, esse “porque” não existe no original, portanto, é estranha a relação causal sugerida entre a “folhagem permanecer verde” com o “não recear quando o calor chega”, a oração imediatamente anterior. A BJ, na sua literalidade, é mais interessante quanto a isto. Ainda, percebe-se a diferença sutil entre a “árvore” mencionada em Jeremias 17.8 com aquela do Salmo 1.3, haja vista que na primeira existe uma dimensão mais ativa e dinâmica. Esta árvore “lança” as suas raízes em direção à corrente e não se perturba caso o calor e a seca venham. A pergunta pulsa na cabeça do leitor/ouvinte: “em quem vou me agarrar (lançar ‘minhas raízes’) para obter força?” O homem espalha as suas raízes ao redor do ribeiro para ganhar mais e mais força a fim de crescer.

Delimitação

Ao se deparar com Jeremias 17.5-8, vê-se que o recorte possui sentido próprio e bem poderia estar em qualquer parte da Escritura, especialmente na coleção dos Salmos e demais livros de sabedoria. É um poema curto que contrasta o homem justo e o homem perverso; que é fortemente reminescente do Salmo 1, e que tem sido, portanto, muitas vezes, explicado como uma peça da literatura sapiencial.

Contexto literário

Acerca do lugar da perícopes na narrativa de Jeremias, vai-se ao encontro do que foi exposto logo acima, porquanto se sustenta que é de consenso quase geral que os extensos escritos dos profetas na verdade compreendem antologias dos seus discursos, e o livro de Jeremias não é exceção a este princípio.

Isso não significa que a posição do trecho, nessa compilação de ditos do profeta, seja de coisa menor monta, embora, de novo, se aduza que a antologia se dá de maneira

bastante irregular, sem se orientar por qualquer sistema cronológico, e às vezes é difícil entender porque alguns oráculos estão onde estão.

Outrossim, vislumbra-se que a mensagem de Jeremias, mormente de acusação a Israel e Judá, é cíclica, sendo repetida muitas vezes através de variados estilos redacionais, quer prosa ou poesia e seus subgêneros.

Há quatro seções para o livro (ressalvando-se que o capítulo 1 contém o registro da consagração do profeta e o 52 fornece um adendo histórico suplementar). A primeira delas, dos capítulos 2 a 22, comprime seis grandes discursos, cujo conteúdo são as pregações de Jeremias contra a apostasia do povo, sua corrupção, e necessidade de contrição. Evidentemente, esta primeira é a única das seções que importa para a presente pesquisa, porque engloba o trecho de 17.5-8 e seus arredores literários. Ora, o quinto discurso, segundo os mesmos autores, vão do capítulo 14 ao 17, e são chamados por eles de “a palavra concernente às secas”; e “que Judá, em face dos seus pecados, será levada ao exílio, porém que no futuro será trazida de volta”.

De qualquer forma, ao se valer dos esboços constantes na Bíblia de Estudo NAA, bem como da Bíblia de Estudo da Reforma, verifica-se que o 17.5-8 faz parte de um contexto imediato que vai desde o capítulo 16.1 até o 17.18, oportunidade em que se atesta a ira avassaladora de Javé, porém a sua promessa de consolo e renovação aos que permanecerem debaixo da sua Palavra.

Não obstante a riqueza contextual histórico-política delineada acima, que permeia a inteira obra de Jeremias, a percepção do autor deste trabalho, amparado por tudo que pesquisou e expôs até aqui, leva a crer que o contexto literário não é sobremodo importante para a completa elucidação desse trecho de Jeremias, a exemplo do que acontece no livro dos Salmos.

Aspectos teológicos

Categoria da profecia e contexto teológico

No que tange à perícopa de Jeremias 17.5-8, cuja profecia, em forma de poesia, se apresenta em linhas condenatórias ao desvio dos homens da Torá de Javé, posto que realce a felicidade de quem está ligado à vontade do Senhor, o qual garante aos seus o sustento e

esperança mesmo em meio às “securas” da vida, apresenta-se alguns textos bíblicos conexos.

As passagens de Gênesis 3.19; 18.27b; 1 Coríntios 15.47-48 rememoram o fato de o ser humano (ⲛⲧⲗ) ter sido criado do pó da terra e de que para lá retornará. Igualmente, o substantivo “carne”, em perspectiva daquilo que é perecível, pecaminoso ou mortal, ecoa Jó 10.4; Salmo 56.4; Isaías 31.3; 2 Crônicas 32.8.

Acerca do “coração” (v. 5, ⲗⲓ), isto deve ser entendido como “o ser mais profundo”, “mente” ou “entendimento”, conforme se verifica, e.g., em Deuteronômio 4.9; 5.29; 6.5-6.

Quanto aos versículos 7 e 8, o seu conteúdo é similar àquele do Salmo 1.3 e 52.8, bem como o próprio Jeremias já havia associado Javé à fonte de “água viva” em 2.13. O que dizer, pois, do encontro de Jesus com a mulher samaritana em João 4? Outrossim, àqueles que enfrentam desafios e angústias, as passagens de Romanos 5.3-5 e Hebreus 12.9-11 enfatizam a força do Senhor em acudir os seus filhos mesmo nos piores anos de “seca”.

Outras passagens bíblicas relacionadas à perícopes se pode extrair dos comentários abaixo.

Elementos unificadores com as outras leituras do dia

As demais perícopes para o 6º Domingo Após Epifania, constantes na Série C, do plano trienal, são Salmo 1; 1Coríntios 15.(1-11) 12-20; e Lucas 6.17-26. Para cada uma delas se delineará uma breve síntese e exposição teológica, bem como se proporá assuntos que venham a se relacionar com a investigação exegética a partir de Jeremias 17.5-8.

A primeira Escritura, constante no **Salmo 1**, evoca a distinção entre “os justos” (v. 6) e “os ímpios” (v. 4). Aos primeiros se lhes confere “bem-aventurança” (v. 1), i.e., a certeza de “alegria” ao seguirem a Torá (v. 2), meditando nesta. As obras praticadas pelos “justos” são comparadas aos frutos de uma árvore frondosa e sadia, plantada próxima a corrente de águas. Ora, resta claro que essa “fonte hídrica”, na metáfora, trata-se da “Lei do Senhor”, do Verbo do Eterno. Já os ímpios, por outro lado, são comparados a “palha”, ou seja, a planta morta, seca (v. 4). Evidentemente não “prevalecerão no juízo” (v. 5) porque estão distantes da Palavra, que é a senda sobre o qual os justos caminham.

Seguinte, **1 Coríntios 15**, especialmente os primeiros 20 versículos, são relevantes para se extrair teologia acerca da ressurreição. Os primeiros 11 podem ser vistos como um testemunho solene de Paulo acerca da morte, sepultamento e, notadamente, ressurreição de Cristo. O apóstolo concede informações detalhadas sobre o aparecimento do Senhor aos apóstolos e tantas outras pessoas, estas que, inclusive, poderiam testificar o fato por si mesmas, porquanto “a maioria ainda vive” (v. 6). Ora, o que Paulo faz é trazer a discussão para o “âmbito jurídico”, além de opiniões ou do pouco-útil “ouvi falar”. Isso é interessante para o trecho – mais “teológico” – que vem logo adiante, afinal, dos versículos 12 a 20, o apóstolo busca estabelecer com clareza que a ressurreição de Jesus é o fundamento sólido acima do qual a igreja se sustenta, porque assegura aos crentes que a sua própria ressurreição é igualmente uma verdade (v. 17). Se isto não fosse o caso, então não haveria “bem-aventurança” no cristianismo, e os fiéis seriam “as pessoas mais infelizes deste mundo” (v. 19). Ainda, o fato de o Senhor ser chamado de “primícias dos que dormem” (v. 20) dá a noção de que ele próprio, com sua vitória sobre a morte, é “fruto”, “consequência”, “produto”, da Palavra vivificadora de Deus (até porque ele próprio é ela encarnada).

Por sua vez, o evangelho segundo **Lucas 6.17-26** se trata de parte de um discurso que Jesus endereçou a “muitos discípulos seus e grande multidão do povo, de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom” (v. 17). Este povo queria “ouvi-lo” e “ser curados de suas doenças” (v. 18). É interessante que Cristo, ao começar a falar, não olhou para a multidão, porém “aos seus discípulos” (v. 20) e lhes disse serem “bem-aventurados”, “felizes”, mesmo em meio a humilhações como pobreza, fome, amarguras, ostracismo odioso e insultos (vv. 20-22); estes dois últimos principalmente tendo como fundamento a sua relação com o Filho do Homem (v. 22). Ora, o Verbo de Deus encarnado – a própria Torá, que é “fonte” que jorra para a vida, segundo o Salmo 1 – é causa de sofrimento para os crentes. Outrossim, nos moldes do Salmo 1, Jesus elenca dois grupos: os “bem-aventurados” e os “ameaçados”, estes dignos dos “ais”; os primeiros são os humilhados perante os homens e os segundos exaltados pela sua riqueza, fartura e bonança (vv. 24-25). Note-se que o Senhor não leva em consideração a “glória mundana” para dar o seu veredito de felicidade, até porque esta verdadeira apenas sucede aos que estiverem conectados ao Filho do Homem.

Passadas as análise supra, convém destacar que há semelhança clara entre o conteúdo do Salmo 1 com Jeremias 17.5-8. Ambos, grosso modo, demonstram existir

bênção entre os que seguem a Palavra, a Torá, sendo estes comparados a árvores plantadas junto às águas e que não murdam ou desvanecem caso o “calor” se aproxime.

É de se pensar se isto (o calor) não se refere às intempéries da vida, tais quais as citadas por Jesus e registradas por Lucas (fome, perseguição, rejeição etc.); é razoável que sim. Em contrapartida, há também a maldição sobre os que estão distantes do Senhor, dos seus conselhos, e preferem dar crédito a homens, sendo o seu destino, inevitavelmente, a “secura” e morte.

Por fim, o ímpeto luterano é sempre encontrar Cristo nas entrelinhas da Bíblia, ainda que isso muitas vezes resulte em reducionismos. Entretanto, não há como ler os textos propostos e não refletir, realmente, em Jesus como a “fonte” da água da vida, que jorra para a eternidade. Aliás, os hebreus ilustravam a Torá como “fonte” de água purificadora. Ora, Jesus é a Torá, o Verbo de Deus, e, portanto, toda “árvore humana” que estiver perto dele será produtiva e saudável. Fato é que o “calor” acomete a todos e o principal dentre os seus multifacetados efeitos é a morte.

O anseio de Paulo em 1Coríntios 15 é o de levar o interlocutor à esperança de que mesmo o luto tem o seu fim, perdendo o seu poder de ferir, em Cristo. Com efeito, bem-aventurado é aquele que deposita toda a sua confiança na Palavra Vitoriosa do Senhor. Por outro lado, “ai” dos que a negarem, depositando a sua fé em suas próprias forças, na de outros homens, ou na riqueza.

O que eu pregaria

Jeremias foi profeta ca. 2600 anos atrás, sendo enviado por Deus para revelar ao mundo, a começar pela Palestina, os eventos terríveis que estavam a acontecer: para Judá, o iminente cativo na Babilônia; para hoje e todos os tempos a vingança implacável que o Senhor trará sobre os pecadores no Último Dia caso eles não se arrependam e observem a sua vontade.

Aliás, o capítulo 17 de Jeremias começa acusando severamente o povo de Judá. A imagem que Deus se utiliza para fazê-lo é aquela de uma ferramenta de ferro, com diamante na ponta – um objeto para esculpir em rochas duras – que entalhou os pecados daquela gente em seus corações, escancarando a sua perversidade. Por isso, o profeta escreve que Judá será invadida e todas as coisas que os seus habitantes possuem serão tomadas pelos seus inimigos, sendo a principal delas a sua liberdade. Portanto, a idolatria das pessoas de Judá fez a ira de Deus se acender “para sempre” contra o seu povo.

Depois dessa introdução, a Escritura adverte: “Maldito aquele que confia no ser humano, que faz da carne mortal o seu braço e cujo coração se desviam do Senhor!” Ora, Deus lança maldição contra o ser humano que se distancia dele. Nas linhas que seguem, tal maldição é ilustrada ao mostrar o idólatra como sendo um arbusto que mora no deserto, em terra salgada e infértil. O termo hebraico עֲרָבָה (i.e., “deserto”) é o mesmo da região denominada “Arabá”, ao sul do Mar Morto, lugar próximo de Gomorra, que padece as sequelas da destruição que Deus faz cair por lá, através de fogo e enxofre, motivada pela idolatria e depravação dos seus habitantes.

Nessa senda, a Palavra é cristalina ao apontar que todos os pecadores merecem “o fogo e o enxofre” destruidores da ira de Deus sobre as suas cabeças. Por causa da culpa pelos crimes contra a Lei de Deus, e da conseqüente ameaça de morte decorrente deles, é de se enfatizar que a maldição descrita pelo profeta deveria ser aplicada a todos, afinal, “não há justo, nem um sequer” (Rm 3.10). Dessa forma, o maior inimigo da humanidade se torna o próprio Deus, vingativo, como está escrito: “A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.30).

No entanto, a perícopes não é apenas acusação ou ameaças de arrasamento. Veja-se: “Bendito aquele que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor”; malgrado, num primeiro aspecto, isso não deixe de ser “Lei”, porquanto o enfoque ainda está no “plano de baixo”, em verbos atribuídos à conduta humana. Assim, o Evangelho deve ser “importado” ao trecho.

A propósito, é de se indagar: quem possui “confiança” e “esperança” plenas em Javé para que se torne credor dessa bênção? O que foi dito continua sendo verdade: todos os seres humanos são merecedores do sofrimento “no deserto”. A depender das suas obras e méritos não seriam mais que “arbustos” fracos e secos esquecidos em um local salgado e inóspito, aguardando o tempo da morte.

Na verdade, apenas um é digno daquela bênção prometida por Deus, a saber, o seu Filho, Jesus Cristo. Este sim, por sua confiança e esperança inabaláveis no Pai, é como a árvore plantada perto das fontes de água pura e que não seca quando vem o calor, todavia, as suas folhas ficam sempre verdes e dá muito fruto; até porque ele é o portador da “água viva” (cf. Jo 4.10,13-14) e do seu trono, juntamente com o do Pai, flui o “rio da água da vida” (Ap 22.1).

Ora, Maria foi chamada de “bendita” por causa daquele que estava no seu ventre. Ela, de uma certa forma, representa a humanidade pecadora, mas que foi agraciada pela

presença do Santo de Deus consigo, no “coração”. A bênção, que somente Jesus merece, ele entrega aos que creem nele. Eis o convite que Javé faz a fim de que mais pessoas sejam enxertadas nessa “árvore” que nunca cessa de nutrir os seus galhos e folhas. O próprio Jesus afirmou: “Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15.5).

Se por um lado a maldição que Deus prometeu enviar aos pecadores é justa e deve ser aplicada a todos, por outro, essa mesma foi transferida dos homens para Jesus, por compaixão e graça do Criador. Cristo foi pregado na cruz, na “árvore” (Dt 21.22-23), como maldito (Gl 3.13). A dor que ninguém poderia suportar ele sofreu e venceu, e a sua ressurreição é prova da vitória dele sobre o inferno e condenação é a garantia de que todos os que confiam nesta verdade também participarão da vida eterna.

Em Cristo está a promessa da salvação anunciada alhures por Jeremias, conforme o capítulo 23, versículos 5 e 6:

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, como rei que é, reinará, agirá com sabedoria e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro. E este será o nome pelo qual será chamado: “Senhor, Justiça Nossa”.

Nenhum cristão precisa ter medo da condenação de Deus, visto que o Renovo, o broto que Deus plantou na terra, Jesus Cristo, é a justiça de todos quanto creem nele, e somente conectados a esta “planta divina”, pela fé, poderão receber a maior de todas as bênçãos dadas pelo Altíssimo: o perdão de todos os pecados e a conseqüente vida celestial. “Venham, *benditos* de meu Pai! Venham herdar o Reino que está preparado para vocês desde a fundação do mundo” (Mt 25.34).

Rev. Allan Breda